

O DESEMPREGO NÃO É UMA ESCOLHA: RELATO DE EXPERIÊNCIA PARA ENSINAR A TEORIA KEYNESIANA USANDO A ARTE

Amanda Brito Da Silva¹

Georgia Costa Grijo Da Silva²

Daniel De Lima Pimentel³

RESUMO

Considerando a necessidade da adoção de novas metodologias de ensino (tais como gamificação e sala de aula invertida) e o desafio de estimular o envolvimento dos discentes nas disciplinas teóricas, este artigo relata a experiência do grupo de discentes de graduação em Ciências Econômicas, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que apresentaram para os demais alunos da mesma turma o tema ‘desemprego involuntário’, à luz do contexto histórico em que o modelo de Keynes foi proposto, utilizando como recurso metodológico a arte. Trata-se de um artigo de experiência que relata o uso da literatura de cordel para apresentar o tema e de como o conteúdo foi preparado. Dentre as principais descobertas da experiência, destacam-se a versatilidade da arte literária e sua eficiência em proporcionar uma didática única para a aquisição do conhecimento, confirmando ser um recurso útil para a formação ética, intelectual, no desenvolvimento da percepção estética e análise crítica da realidade. O uso da técnica do poema de cordel no ensino da história das doutrinas econômicas foi inovador ao amplificar o saber dos discentes acerca da bibliografia e teoria econômica de Keynes, no contexto da grande depressão e na época em que a teoria Keynesiana passou a ser discutida, uma vez que usou da emoção e cativou os alunos, ao relatar fatos históricos e ensinar a teoria econômica de forma criativa. O poema apresentado possibilita o entendimento do assunto seja para pessoas familiarizadas com esta temática ou não, colaborando com a formação acadêmica dos discentes de forma diversificada e agregadora.

Palavras-Chave: História econômica, Teoria Keynesiana, desemprego, Poema de cordel, Arte, Relato de Experiência.

¹ Graduanda em economia na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

² Graduanda em economia na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

³ Graduando em economia na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

ABSTRACT

Considering the need to adopt new teaching methodologies (such as gamification and flipped classrooms) and the challenge of stimulating student involvement in theoretical disciplines, this article reports the experience of a group of undergraduate students in Economic Sciences at the University Federal do Amazonas (UFAM), who presented the topic 'involuntary unemployment' to the other students in the same classroom, in light of the historical context in which Keynes' model was proposed, using the art as a methodological resource. This is an experience article that reports the use of cordel literature to present the topic and how the content was prepared. Among the main findings of the experience are the versatility of literary art and its efficiency in providing a unique didactics for the acquisition of knowledge stand out, confirming that it is a useful resource for ethical and intellectual training, in the development of aesthetic perception and critical analysis of reality. The use of the cordel poem technique in teaching the history of economic doctrines was innovative in amplifying students' knowledge about Keynes' bibliography and his economic theory, in the context of the great depression and at the time when Keynesian theory began to be discussed, while used emotion and bewitched students, by reporting historical facts and teaching economic theory in a creative way. The poem presented makes it possible to understand the subject, whether for people familiar with this topic or not, contributing to the academic training of students in a diverse and aggregating way.

Keywords: Economic history, Keynesian Theory, unemployment, Cordel poem, Art, Experience report.

1. INTRODUÇÃO

John Maynard Keynes foi um importante economista britânico e é considerado o pai da macroeconomia moderna. Estabelecendo as bases para a escola de pensamentos keynesiana, suas teorias foram desenvolvidas em resposta à crise econômica de 1929. O keynesianismo influenciou políticas econômicas como o New Deal de Franklin D. Roosevelt nos EUA, que visava combater a grande depressão. A teoria keynesiana destaca o papel ativo do Estado na gestão da economia, mantendo o emprego e estimulando o crescimento durante crises econômicas. As ideias de Keynes sobre o

desemprego desempenharam um papel significativo no desenvolvimento do Estado de bem-estar social.

Dito de outra forma, Keynes enfatizou a importância e a necessidade da interferência estatal na economia em períodos de crise do sistema capitalista; defendeu gastos deficitários, que forneceriam os recursos necessários para a implementação de programas com ênfase no Estado de bem-estar; enfatizou o pleno emprego como meio de sustentação do estado de bem-estar social; e destacou a importância de abordar o desemprego, a fim de garantir qualidade de vida para a população.

Segundo a perspectiva de Keynes, o desemprego involuntário era uma manifestação intrínseca à estrutura da economia do mercado capitalista, não sendo apenas um fenômeno anormal de desequilíbrio ocasional. Nesse contexto, Keynes acreditava que era um imperativo ético para o Estado intervir para a redução do desemprego e seus efeitos adversos na sociedade, tais como a pobreza e outros conflitos sociais. E para combater a recessão e o desemprego, o governo deveria aumentar seus gastos, criando novos empregos e ativando o consumo.

Abordar o contexto histórico dessas e de outras teorias econômicas em sala de aula não é um desafio recente para os docentes do curso de Ciências Econômicas. Na década de 1980, a Universidade de Harvard iniciou um processo de avaliação da forma de ensinar na graduação (Becker; Watts, 1998). Especificamente no curso de economia, a preocupação é histórica (desde 1981) e culminou com a criação, em 1969, do *Journal of Economic Education* (JEE) o qual tem uma seção específica para artigos que tratam de métodos inovadores de ensino (de economia). Entretanto, em uma pesquisa de 1996, Becker e Watts (1998) identificaram raros casos de professores que ousaram mudar a forma de ensinar e que vão além de ‘giz e voz’.

O declínio no número de alunos interessados em economia, insatisfeitos com o curso e com os professores serviu de alerta para que as entidades educacionais tomassem alguma providência pois, os métodos de ensinar não variavam, prevalecendo a leitura de livro texto e o uso do giz (média de 83%) em todos os níveis de um curso de economia (do Introdutório ao Tronco Avançado, perpassando o Tronco Teórico e pela Estatística e Econometria), ao invés de uso de laboratórios, de jogos e simulações, de ‘café acadêmico’, entre outras alternativas de aprendizagem (Becker e Watts, 1998).

Diante das descobertas da Universidade de Harvard, dos estudos de Becker e Watts e do atual contexto em que a estratégia de ensino deve considerar os recursos tecnológicos e o perfil dos alunos, este trabalho apresenta uma experiência de ensino e

aprendizagem da história teoria econômica de uma forma que vai ‘além do giz’ protagonizada pelos alunos do curso de graduação de Ciências Econômicas. O texto está estruturado em 5 seções, incluindo esta introdução. Na seção 2, apresenta-se a fundamentação dos postulados de Keynes quanto ao desemprego, objeto central das pesquisas dos alunos e da experiência. Na seção 3, descreve o processo de preparação do conteúdo e do recurso utilizado para explorar o tema em sala de aula. A seção 4 divulga o cordel, fruto da pesquisa dos alunos, e o texto termina com a seção 5, que busca sintetizar as impressões do trabalho.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conceito do desemprego sempre foi um fenômeno econômico estudado em toda a história de existência do capitalismo, e ao decorrer de toda sua história vários economistas de diferentes correntes de pensamento se debruçaram sobre este tema em prol de tentar entender seus princípios e resolver os conflitos que este fenômeno causa no meio social, político e econômico (Proni, 2014, p.1-2). Quando revisto os fundamentos teóricos sobre oferta e demanda de trabalho na perspectiva de economistas antecessores à visão Keynesiana, os seus princípios são estruturados na teoria de Say, que preconiza que toda oferta gera sua própria demanda (MOREIRA, 2005, p.414).

Say demonstrou de modo mais satisfatório que não há nenhum montante de capital que não possa ser investido num país porque a procura só pode ser limitada pela produção. Ninguém produz se não tiver a intenção de consumir ou de vender e ninguém vende se não tiver a intenção de comprar (...) a moeda é só o meio pelo qual se efetua a troca (RICARDO, 1965, p. 334-336).

A lei de Say era instrumentalizada no mercado de demanda e oferta de trabalho assalariado como forma de apresentar fundamentação teórica para explicar a alta taxa de desemprego. Em uma economia onde o desequilíbrio é momentâneo e não se tem intervenção estatal, era defendido a necessidade de flexibilidade do preço do trabalho e das relações trabalhistas (MORAES, 2022, p.15).

No contexto histórico da grande depressão de 1929, com a queda da bolsa de valores provocada pelo excesso de oferta do mercado, Keynes, analisando a problemática de pessoas que queriam entrar no mercado de trabalho mas não obtinham sucesso, percebeu as inconsistências da teoria de oferta e demanda do trabalho no

mercado, que justamente eram sustentadas pela lei de Say e reforçadas pelo o conceito do desemprego voluntário (KEYNES, 1996, p.16).

Outra teoria que foi alvo de críticas de Keynes foi a teoria neoclássica da fronteira do desemprego e do emprego desenvolvida por Arthur C. Pigou. Para este economista, o desemprego é voluntário, ou seja, a existência de pessoas desempregadas é dada ao fato de que elas não aceitam trabalhar por um nível de salário real menor do que o já estabelecido; é o fator que causa a ineficiência em empregar mais trabalhadores, pois, o fato das pessoas desempregadas se organizarem para exigir com que seu salário nominal não diminua e permaneça constante, impede a possibilidade dos empresários contratarem a sua mão-de-obra e assim diminuir a alta taxa de desemprego da economia (KEYNES, 1996, p.47-48).

Para elaborar uma nova alternativa de análise econômica que buscasse responder os obstáculos que o mercado enfrentava na época, Keynes dedicou seus estudos à fundamentação teórica da oferta e demanda de trabalho.

Explicar o desemprego em massa e sua persistência na primeira metade da década de 1930, marcada por queda da produção industrial e do nível geral dos preços, era um dos desafios centrais de Keynes na Teoria Geral. Para desconstruir a argumentação teórica de Pigou, ele precisou refutar a “Lei de Say” e demonstrar que a economia não tendia naturalmente ao pleno emprego – isto é, para uma situação em que não houvesse desemprego involuntário e em que um aumento da demanda agregada provocasse elevação dos preços (PRONI, 2014, p. 8).

Com o propósito de desmontar a teoria neoclássica do emprego, Keynes elaborou dois postulados que resumiam a tese neoclássica do trabalho. O primeiro postulado refere-se à demanda por trabalho, e prediz que “ I. O salário real é igual ao produto marginal do trabalho” (KEYNES, 1996, p.46). Posto que a demanda por trabalho é feita pela as empresas, pois são elas que precisam do trabalho para a produção de mercadorias, a partir da produção marginal de cada trabalhador será gerado o seu próprio salário real que pagará seu trabalho na produção. Logo, esse salário real não é convertido em lucro, e sim repassado em forma de salário para o trabalhador. Portanto, como o salário real é o custo de contratar o trabalho, a demanda será definida pelo o nível de salário real gasto com trabalho. O segundo postulado refere-se à oferta por trabalho e anuncia que “ II. A utilidade do salário real, quando se emprega

determinado volume de trabalho, é igual à desutilidade marginal desse mesmo volume de emprego” (KEYNES, 1996, p.46). A chamada desutilidade marginal do trabalho, é simplesmente o desprazer de trabalhar.

Na lógica neoclássica abordada neste postulado, o trabalho na visão do trabalhador era um fardo, então para o trabalhador se convencer de ofertar sua mão-de-obra, a utilidade que ele obteria por poder demandar bens de consumo com seu salário real teria que ser igual a esse desprazer de trabalhar, ou seja, a oferta de trabalho seria definida pelo nível de salário real pago para o trabalhador. Como é fundamentado que a oferta gera sua demanda, e o trabalhador oferta sua mão-de-obra se baseando no nível de salário real, a decisão de quem trabalha ou permanece desempregado é definida pelo trabalhador, e se esse trabalhador está desempregado, este desemprego é voluntário. Portanto, o nível de emprego de uma economia era decidido pelo trabalhador, sendo entendido que há ocorrência de equilíbrio quando a oferta e demanda são definidos pelo salário real (KEYNES, 1996, p.14-46).

No que se refere ao primeiro postulado, Keynes concorda com a visão neoclássica, porém, sobre o segundo postulado Keynes realiza duas críticas.

Sujeito a estas restrições, o volume dos recursos empregados acha-se, em conformidade com a teoria clássica, convenientemente determinado pelos dois postulados. O primeiro dá-nos a curva de demanda por emprego e o segundo, a curva de oferta; o volume do emprego é fixado pelo ponto em que a utilidade do produto marginal iguala a desutilidade do emprego marginal. Como consequência disso, haveria apenas quatro meios possíveis de aumentar o emprego:

(a) melhoria da organização ou da previsão, de maneira que diminua o desemprego “ficcional”;

(b) redução da desutilidade marginal do trabalho expressa pelo salário real, para o qual ainda existe mão-de-obra disponível, de modo que diminua o desemprego “voluntário”;

(c) aumento da produtividade marginal física do trabalho nas indústrias produtoras de bens de “consumo de assalariados” (para usar o termo adequado, com o qual o prof. Pigou designa os artigos de cujos preços dependem a utilidade dos salários nominais); ou

(d) aumento em relação aos preços dos bens de consumo de não assalariados comparativamente aos das outras categorias de bens, juntamente com o deslocamento das despesas dos indivíduos não assalariados dos bens salariais para os de outras categorias. Tal é, segundo

meu melhor entender, a substância da obra *Theory of Unemployment* do prof. Pigou — o único relato detalhado que existe da teoria clássica do emprego (KEYNES, 1996, p. 47).

De acordo com a teoria de Pigou, para a resolução da problemática do desemprego voluntário, os trabalhadores teriam que aceitar trabalhar por um nível de salário nominal menor que em última instância reduziria seu salário real e poder de compra. Keynes aprofundou sua análise nesta teoria de Pigou para refutar a lógica de oferta do trabalho, baseada na influência da lei de Say. Como Pigou frisava que os trabalhadores fixaram valores nominais no intuito de que não variasse seu salário real, Keynes elaborou sua primeira crítica analisando o comportamento dos salários reais, pois a oferta de trabalho é dada em decorrência do proceder desta variável (KEYNES, 1996, p.48, 265).

Critiquei, de maneira detalhada, a teoria do desemprego do professor Pigou, não porque ela me pareça mais criticável que outras teorias dos economistas clássicos, mas porque representa o único esforço que conheço para expor a teoria clássica do desemprego de modo preciso. Por esta razão, achei ser meu dever dirigir minhas objeções contra esta teoria, na exposição mais audaz que dela ainda se fez. (KEYNES, 1996, p. 266).

Visto que salários reais são salários nominais sobre influência dos níveis de preço, mesmo se fixar os salários nominais em certo valor, os salários reais ainda sim sofreram variações, pelo fato de que os níveis de preço estão variando constantemente. Logo, se os salários reais estão constantemente variando, o que segundo a teoria neoclássica deveria variar também é a oferta de trabalho, o que na realidade não acontece, pois não se vê pessoas se demitindo ou decidindo ofertar trabalho com as mudanças de nível de preço do mercado. Portanto, a teoria neoclássica é insuficiente para fundamentar a lógica da oferta de trabalho na economia em decorrência das variações de preço (KEYNES, 1996,p.49-52).

A segunda crítica formulada por Keynes de nível empírico se refere a como os trabalhadores demarcam os seus salários. No nosso cotidiano, não demarcamos o preço dos bens a partir do salário real, seja para comprar uma pizza, calcular o poder de compra de uma bolsa de iniciação científica ou até prever os níveis de gasto de uma

futura viagem, pois não existe cálculo de salário real para essas situações cotidianas. Além do fato de que, se o contrato de salário nominal é estável no tempo, o valor do salário real está variando todo tempo. Portanto, não é possível marcar os salários em nível real, somente em nível nominal. Para Keynes, é ilógico afirmar que o trabalhador define seu nível de salário, pois se isso fosse aplicável a materialidade não existiria salário mínimo.

A partir desta análise, Keynes demonstrou que para definir a oferta de trabalho em uma economia seria necessário diversificar o estudo para outras novas variáveis, dado que analisar somente os salários reais era insuficiente para fundamentar teoricamente esta oferta, haja vista que os salários reais variam todos os dias e em proporções diferentes, de acordo com o recorte regional, e a oferta de trabalho não acompanha estas mudanças. Logo, não é possível definir o funcionamento do mercado de trabalho na ótica da visão neoclássica, e seria necessário expandir as variáveis de análise da oferta de trabalho para outras perspectivas, como demografia, idade das pessoas, crescimento vegetativo e etc. (KEYNES, 1996, p.237-244; MAIA, 2022, p.65-66).

Com isso, a teoria neoclássica é desmontada por esta inconsistência lógica e o conceito de desemprego voluntário também, possibilitando que Keynes desenvolva um novo conceito de desemprego, o desemprego involuntário, que se trata da ocorrência de que existe trabalhadores dispostos a ofertar sua mão-de-obra pelo valor do salário vigente, porém, as empresas não têm a intenção de contratá-los. Portanto, com o desmonte da teoria da oferta de trabalho e por consequência a teoria do emprego, Keynes abre espaço para poder desenvolver sua própria teoria do emprego (KEYNES, 1996, p.53).

Segundo Keynes (1996, p.240-244), se deixarmos a economia funcionar sem intervenção, ela pode ser instável por natureza e experimentar flutuações cíclicas. Isso significa que, em certos momentos, a economia pode experimentar altos níveis de desemprego, mesmo quando todos estão tentando maximizar seus lucros e utilidade. A razão para isso está relacionada a forma como as decisões de gastos e investimentos são tomadas em uma economia.

Keynes também argumentou que os agentes econômicos, como consumidores e empresas, podem agir com base em expectativas incertas e, em momentos de incerteza, podem se tornar mais conservadores em seus gastos e investimentos. Isso pode levar a uma queda na demanda agregada (a quantidade total de bens e serviços demandados na

economia), o que, por sua vez, pode resultar em desemprego. Portanto, mesmo sob os pressupostos da teoria neoclássica, a economia pode não se manter automaticamente no pleno emprego devido a sua própria instabilidade endógena, o que justifica a necessidade de políticas econômicas para lidar com essas flutuações e desemprego cíclico.

Segundo Donário e Santos (2016, p.11), a teoria de Keynes inverteu a teoria clássica quanto ao fundamento da determinação do rendimento e do emprego, no curto prazo, dado que os clássicos consideravam que era a oferta agregada que determinava o nível de emprego e produção, baseados na lei de Say. Keynes, ao contrário, considerava que era a procura efetiva, que determinava o nível de atividade econômica.

A demanda agregada é então decomposta por bens de consumo e demanda por bens de investimento. A demanda por bens de consumo depende primordialmente da renda corrente dos agentes econômicos e, secundariamente, da taxa de juros. Aqui sua inovação reside na hipótese de que o nível de consumo cresça menos que proporcionalmente com relação à renda corrente. Diz mais, que essa é uma relação estável. A demanda por bens de investimento, de outra parte, depende da expectativa de lucro futuro dos empresários, por ele cristalizada no conceito de eficiência marginal do capital, e da taxa de juros. Ora, como a demanda por bens de consumo guarda uma relação estável com a renda, segue-se que as flutuações da demanda agregada estão associadas aos movimentos do nível de investimento. Em crescimento, com expectativas otimistas de lucro futuro, os investimentos geram mais emprego, maior nível de produto e de renda e, portanto, maior nível de consumo e poupança. Em depressão, perspectivas pessimistas de lucro geram frustração de lucro da indústria de bens de capital, queda de emprego e de renda e, portanto, queda nos níveis de consumo e poupança. Nas flutuações do nível de investimento reside, portanto, a chave da compreensão dos movimentos cíclicos do capitalismo. (KEYNES, 1996, p. 12)

Assim, o volume de emprego é determinado pelo ponto de interseção da função da demanda agregada e da função da oferta agregada, pois é neste ponto que as expectativas de lucro dos empresários serão maximizadas. No entanto, em 1929 a oferta de produtos e serviços na economia foram mais elevadas que a procura, ou seja, quando a oferta agregada é maior que a procura agregada, as empresas vendem menos e

acumulam estoque, isso provocou a grande depressão onde gerou o desemprego involuntário (KEYNES, 1996, p.11-17).

Em uma recessão, os salários reais tendem a ser altos, e o movimento é de declínio ao longo da recuperação. Isso significa que, em um mercado competitivo, o salário real de equilíbrio será determinado pela interação entre a oferta e a demanda do trabalho, levando em conta a produtividade marginal do trabalho e a utilidade marginal do salário.

Em sua análise das economias em recessão estava incorporada a criação de políticas energéticas que promoveriam o emprego pleno e a estabilidade econômica como uma maneira indireta de melhorar as condições de vida das pessoas e, potencialmente, reduzindo a pobreza.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

A necessidade de compreender a teoria keynesiana da oferta e demanda de emprego, o desemprego na economia, e o contexto histórico que esta corrente de pensamento foi desenvolvida, demandou a busca por livros, artigos científicos, teses dissertativas e bibliografias para construir o conhecimento sobre o assunto e preparar uma apresentação de todo esse conteúdo em sala de aula, de modo com que fosse atrativo e lúdico aos graduandos, e assim, o conhecimento ser partilhado de forma eficiente a todos da turma.

Para Almeida (2014, p.12), a pesquisa bibliográfica se estrutura em táticas particulares que visam o encontro do assunto específico em acervos literários, muitas vezes unindo dois ou mais temas. Para a busca de trabalhos como fonte de pesquisa foram empregados os seguintes descritores no Portal de Periódicos da Capes e no Google acadêmico, no período de agosto a setembro de 2023: Teoria keynesiana, Keynes, Bibliografia de Keynes, desemprego involuntário, desemprego segundo Keynes, salários reais segundo Keynes, pobreza segundo Keynes, grande depressão de 1929.

Os alunos responsáveis por esta pesquisa e apresentação definiram como seria estruturada a exposição do conteúdo bem como quais seriam suas tarefas e contribuições de acordo com a disponibilidade de cada um. Considerando as opções de teóricos que abordaram o tema, de Betarice Webb a George Akerlof, incluindo Adam Smith e John Hicks, os alunos escolheram John Maynard Keynes como o pensador-chave do tema, pela a sua importância histórica e a possibilidade de utilizar sua linha de pensamento de acordo com o guia de formulação da apresentação.

A exposição do tema contava com critérios que reforçaram a necessidade de ser voltada para algo mais criativo, como ter apresentações com caráter mais teatral ou elaborar explicações utilizando *storytelling*. Cabe destacar que a arte tem sido usada para, por exemplo, apresentar teses de doutorado, como é o caso do *Dance Your PhD*, um concurso de dança internacional no qual os participantes explicam seus projetos de pesquisa, por meio da dança, sem discursarem (Science, 2023).

A exposição do tema foi dividida em duas etapas: a tradicional e a artística. A exposição tradicional utilizou slides em Power Point ao estilo seminário tradicional, porém bem sucinto. A explicação artística consistiu em um vídeo narrando o assunto com o eu lírico em formato de cordel e com edição de imagens.

O cordel é amplamente conhecido e entendido como uma forma de arte que dialoga tanto no âmbito social quanto no âmbito educacional, portanto, tem a capacidade de estimular reflexões interdisciplinares que promovam discussões, as quais interagem tanto no campo da imaginação quanto no relato da realidade histórica (ALMEIDA et al., 2021). Segundo os autores

A literatura de cordel chegou ao território brasileiro no século XVIII e tornou-se uma característica da região nordeste, advinda de uma significância ímpar para aqueles que transformam fatores sociais em arte. O cordel, mais de que um “estilo” literário, perpassa expressões culturais e se traduz em diversas possibilidades educativas e comunicativas (ALMEIDA et al., 2021, p. 2).

A Literatura de Cordel é uma expressão cultural popular que abrange não apenas as letras, mas também a música e a ilustração, considerada um gênero literário, veículo de comunicação, ofício e meio de sobrevivência para inúmeros cidadãos brasileiros (Iphan, 2018). A equipe de alunos criou um cordel com 9 (nove) estrofes sobre o conteúdo da apresentação (visão keynesiana de salários reais, desemprego e pobreza);

4. RESULTADO - O CORDEL ‘O DESEMPREGO NÃO É UMA ESCOLHA’

O cordel a seguir é uma produção original e foi apresentado durante a aula de História do Pensamento Econômico. Optou-se por preservá-lo até que houvesse uma oportunidade para divulgá-lo além do ambiente em que estudam os autores.

O desemprego não é uma escolha – depressão e desemprego

*Muito prazer, eu sou o Keynes
Um homem que viveu com muita paixão
Nasci em família rica bem criado e estudado
Mas, Charleston foi meu lugar de transgressão
Ao lado de artistas e escritores em Bloomsbury
Da pintura, romances e teatro obtive coleção.
De Probabilidade até a literatura densa
Múltiplos interesses e a amplitude de visão
Me ajudaram a desenvolver uma teoria econômica
O keynesianismo, que revolucionou uma nação*

*Eu estava indignado com a destruição
Que o mundo vivia na primeira guerra mundial
'Nem amarrado' lutaria naquela guerra
Por isso fui trabalhar no Tesouro Nacional
Quando o conflito acabou fiquei preocupado
Que os alemães estavam com um ódio colossal
Empobrecer o nosso vizinho alemão
Foi um erro político, econômico e social
E a revolta alemã se transformaria em vingança
Com a ascensão do nazismo na segunda Guerra Mundial*

*Fui ser professor em Cambridge
Depois da Primeira Guerra Mundial
Nesse tempo minha dedicação
Era entender a probabilidade e seu potencial
No mercado financeiro, fiz minhas apostas
Que a economia é uma racionalidade irracional
Dado que a economia é mais que cálculos e gráficos
É um pacto racional de uma crença social
Nem a equação mais precisa do mundo
Poderia prever a crise de uma economia paradoxal*

*Durante um tempo de agonia
Se passou a Grande Depressão
O desempregado desesperado
Sem ter o seu dinheiro do ganha pão
Com muita fome, incerteza e miséria
Os Estados Unidos não aguentaram a pressão
Tiveram que deixar de lado
A mão invisível do mercado
E para tirar o capitalismo do buraco
O Estado fez a intervenção*

*Na grande depressão era difícil viver
com as fábricas fechando
E o produtor com medo de empreender
Pela baixa demanda do mercado
Todos estavam fadados ao empobrecer
Eles diziam:
“O mercado precisa do longo período
para voltar a crescer”
Mas à longo prazo
Pessoas iriam morrer
E quando um trabalhador perdia o emprego
Perdia também a dignidade de consumir e viver*

*Um dos meus grandes desafios
Foi tentar entender os salários reais
Dado que os salários são definidos
A partir da produção dos produtos marginais
Porém essa afirmação só é possível
Se os mercados fossem perfeitos, ideais
Os clássicos falavam que só daria para empregar
Se houvesse a redução dos salários nominais
Porém se o trabalhador ganhasse pouco*

*Isso se refletiria em quedas de demandas brutais
Então era impossível resolver o desemprego
Pagando ao trabalhador pouco dinheiro
Que é quem usaria desse recurso financeiro
Para comprar do mercado os produtos finais*

*Por meio dos salários reais
Eu entendi o desemprego involuntário
À grosso modo, com pouco demanda
Se gera pouco produto, emprego e salário
Então foi aí que percebi que o investimento
Em obras públicas era necessário
Para fortalecer a demanda agregada
E a circulação do fluxo monetário
Dando renda ao trabalho do proletário
E dando lucro ao investimento do empresário
Diminuindo a miséria e o caos humanitário
E por fim, digo que era farsa o desemprego voluntário*

*Com o grande desemprego involuntário
Veio a pobreza que devastou a vida
A miséria entrou na casa dos mais vulnerável
Rendeu o pobre e deixou a criança desnutrida
Para poucos a pobreza era pipoca com leite
Para muitos somente a fome lhes era servida
Com recursos escassos, morando às vezes na rua
A esperança para muitos era ver um prato de comida
A fé no amanhã para alguns já não existia
Então a única saída era se tornar um suicida
Porém mesmo com confiança abatida
A sociedade ergueu forças para continuar unida
Com a cozinha comunitária
E a resiliência necessária
Fez-se da miséria menos temida e sofrida*

*Em conclusão do que acabamos de saber
Para a economia voltar a crescer
O Estado tinha que investir em empregos
Para assim a demanda se fortalecer
Não adiantava diminuir a taxa de juros
Se as pessoas não tinham a fé da economia florescer
O new deal foi o programa de governo
Para fazer o desempregado algum trabalho exercer
A represa Hoover foi um exemplo
Que o keynesianismo tinha o poder
De fazer o trabalhador consumir e sobreviver
O empresário ter a confiança para investir, empreender
E o mercado ter força para se restabelecer
(AMANDA BRITO, 2023)*

Após a apresentação do vídeo com o Cordel, observou-se uma calorosa recepção dos ouvintes sobre a forma como o assunto foi abordado e um grande incentivo a que o mesmo fosse divulgado de forma mais ampla.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do que se propôs este trabalho, depreende-se que a versatilidade da arte literária se apresentou como ferramenta didática eficiente para o ensino do aspecto histórico de teorias econômicas.

O uso da técnica do poema de cordel no ensino da história das doutrinas econômicas é inovador e conseguiu traçar um panorama sobre os temas keynesianos, desde a bibliografia desse economista expoente, descrevendo as teorias nos contextos das 1ª e 2ª guerras, a depressão econômica, o desemprego, a fome e o suicídio, as discussões sobre os salários reais e marginais, a proposta de intervenção do estado na economia, o investimento do estado em obras públicas e sua consequente geração de emprego, a demanda agregada, e a taxa de juros.

Este recurso didático adotado como ferramenta para o partilhamento da teoria Keynesiana e exemplificação de como Keynes via, pensava e explicava o desemprego da sociedade capitalista à luz do conhecimento da economia, ilustrou ser eficiente, também, no sentido de cativar tanto os alunos que preparam a apresentação quanto os ouvintes.

Vislumbra-se que pelo Cordel, até pessoas que não são familiarizadas com esta temática poderão conhecer um pouco sobre John Maynard Keynes. Neste sentido, sugere-se que iniciativas semelhantes a estas dos alunos de graduação em Economia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) possam ser desenvolvidas e compartilhadas não apenas dentro da academia, como também com outro público – em especial, o apreciador de Cordel.

Para a construção desse manuscrito, criou-se um link no Google drive, para visualização do cordel em vídeo ([John Maynard Keynes cordel.mp4](#)).

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a orientação da Professora Doutora Rosana Zau Mafra, adjunta do Departamento de Economia e Análise da Faculdade de Estudos Sociais, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que ministrou História do Pensamento Econômico II e incentivou a elaboração deste manuscrito, depositando respeito, confiança e dedicação em todo o seu processo de elaboração.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Francisca; SILVA, José; SOUSA, José; ALVES, Larissa. A presença da literatura de cordel no ensino de Geografia: considerações para além de conceitos. *GEOTemas*, v. 11, p. 01-20, jan 2021. Disponível em: [A presença da literatura de cordel no ensino de geografia: Considerações para além de conceito. \(uern.br\)](#). Acesso em: 10.Ago.2023

BECKER, W.E.; Watts, M. Teaching Economics: what was, is, and could be. Cap. 1. P. 1-10. In BECKER, W.E.; WATTS, M. (eds.). *Teaching Economics to Undergraduates: Alternatives to chalk and talk*. Edward Elgar: UK, 1998

DONÁRIO, A.A; SANTOS, R.B. Keynes e o keynesianismo: Uma visão crítica. *Camões, Repositório Institucional da Universidade Autónoma de Lisboa*. p.01-38, jan 2016. Disponível em: [<Keynes e o Keynesianismo | PDF | John Maynard Keynes | Economia \(scribd.com\)>](#)

IPHAN. *Literatura de Cordel agora é Patrimônio Cultural do Brasil*. 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4819> . [Acesso em: 2.10.23]

KEYNES, J.M. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. 4ª Edição, São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996. Disponível em : [OS ECONOMISTAS - A TEORIA GERAL DO EMPREGO, DO JURO E DA MOEDA \(afoiceemartelo.com.br\)](#). Acesso em: 20.Ago.2023

ALMEIDA, Mário S. *Elaboração de projeto, TCC, dissertação e tese*. 2ª Edição, São Paulo: Atlas, 2014. Disponível em: [Elaboração de Projeto, TCC, Dissertação e Tese: uma abordagem simples, prática e objetiva](#). Acesso em: 18.Ago.2023

MAIA, Francisco. A teoria do desemprego novo-keynesiana: sua influência retórica sob a Reforma Trabalhista no Brasil e seus resultados no Curto Prazo. *Revista Pesquisa e Debate*, São Paulo, v. 35, n. 2(62), p.64 - 78, 2022. Disponível em: [A Teoria do desemprego novo-keynesiana: \(pucsp.br\)](#). Acesso em: 15.Ago.2023

MORAES, Mayara M. *A abordagem do tema do emprego pelos diferentes paradigmas do pensamento econômico*. Trabalho de Conclusão de curso em ciências econômicas. UFSC, Florianópolis, 2022. Disponível em: [15.12.22_TCC_emprego_paradigmas_BU.pdf \(ufsc.br\)](#). Acesso em: 15.Ago.2023

MOREIRA, Ricardo R. A “DERROTA DA LEI DE SAY” ELEMENTOS TEÓRICOS FUNDAMENTAIS E ALGUMAS IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS E DINÂMICAS. *R. Econ. contemporânea*, 9(2), p. 411-431, mai./ago, 2005. Disponível em : [008 \(scielo.br\)](#). Acesso em : 02.Set.2023

PRONI, M.W. O desemprego na história do pensamento econômico. *Revista da ABET*, v. 13, n 1, p.01-20, jan/jun, 2014. Disponível em : [O DESEMPREGO NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO \(ufpb.br\)](#). Acesso em: 10.ago.2023

RICARDO, David. *Princípios de economia política e de tributação*. Tradução de Maria Adelaide Ferreira. 5ª Edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965

SCIENCE. *Announcing the annual Dance Your Ph.D. Contest*. Sobre, S/D. Disponível em:

<<https://www.science.org/content/page/announcing-annual-dance-your-ph-d-contest>>.

[Acesso em 2.10.23]